


meu romeu sombrio

parker s. huntington & l.j. shen

Tradução de Célia Correia Loureiro

«Assim, morro com um beijo.»

WILLIAM SHAKESPEARE,
Romeu e Julieta



Alguns Romeus merecem morrer.

PRÓLOGO



Dallas

Sempre pensei que a minha vida fosse um romance. Que, entre as minhas páginas, se escondesse um *felizes para sempre*. Nunca me ocorreu que estivesse a cometer um erro na classificação do género. Que pudesse tratar-se de uma história de terror. Um *thriller* de gelar o sangue.

Depois, Romeu Costa¹ entrou na minha vida de rompante, arrancando-me os óculos cor-de-rosa.

Mostrou-me a escuridão.

Mostrou-me a força.

Ainda mais importante, ensinou-me a lição mais cruel de sempre: há beleza em todas as criaturas. Espinhos em todas as rosas.

E uma história de amor pode florescer — mesmo a partir da carcaça do ódio.

¹ De modo a poder fazer-se o trocadilho em português entre Romeo Costa (no original) e Romeu Montague (da obra de Shakespeare), o nome da personagem desta obra foi traduzido, com acordo da autora, para Romeu. (N. de T.)

CAPÍTULO UM



Dallas

— Oh, meu Deus, eles não estavam a mentir, pois não? Ele está mesmo na cidade. — A Emilie agarrou-se ao meu pulso, as unhas em forma de caixão a afundarem-se na minha pele bronzeada.

— O Oliver von Bismarck também está. — A Savannah estendeu o braço. — Alguém que me belisque. — Acedi com prazer. — Ai, Dal. Deixa de ser tão literal.

Encolhi os ombros, dedicando a minha atenção ao *catering* ao nosso lado. A verdadeira razão pela qual estava presente no baile de debutantes dessa noite.

Peguei numa casca de pomelo coberta de chocolate de um tabuleiro de cristal e esmaguei-a entre os dentes, saboreando o néctar agri-doce.

Deus não era um homem.

Deus também não era uma mulher.

É provável que Deus fosse uma peça de fruta coberta de chocolate *Godiva*.

— O que estão eles a fazer aqui? Nem sequer são do Sul. — A Emilie roubou o programa de debutante da Sav e abanou o rosto. — E sem dúvida que não estão aqui para conhecer mulheres. São dois solteirões obstinados. No verão passado, o Costa não acabou com uma princesa sueca a sério?

— Em oposição a uma princesa sueca a fingir? — questionei, em voz alta.

— *Dal*.

Onde estavam os pastéis de nata? Tinham-me prometido pastéis de nata portugueses.

— Disseste que haveria pastéis de nata. — Peguei num prémio de

consolação, melopita grega, e acenei com ele à Emilie. — É o que acontece por ter voltado a confiar em ti.

Os seus olhos de águia apanharam-me a guardar dois dónutes polacos na mala.

— Dal, não podes esconder isso na tua *Chanel*. Vais estragar a pelica.

A Sav enfiou um punho frenético na sua bolsa e resgatou um tubo de batom.

— Ouvi dizer que o von Bismarck está na cidade para comprar o Le Fleur.

O pai da Jenna era dono do Le Fleur. Fabricavam lençóis de percal para hotéis de cinco diamantes. No oitavo ano, a Emilie e eu fugimos de casa e dormimos na sala de exposições durante uma semana até os nossos pais nos encontrarem.

— Para que precisa ele do Le Fleur?

Escolhi um kanafe árabe a seguir, ainda de costas para as criaturas míticas pelas quais as minhas melhores amigas tinham perdido a cabeça coletivamente. A julgar pelos sussurros urgentes à nossa volta, não eram as únicas.

A Emilie agarrou no *Bond Nr. 9* da Savannah e aplicou uma camada generosa nos lábios.

— Ele tem interesse em hotéis e em toda a indústria hoteleira. É dono de uma pequena cadeia chamada Grand Regent. Já deves ter ouvido falar.

A Grand Regent começou por ser uma estância exclusiva, só para convidados, antes de se transformar em mais filiais do que o Hilton. Por isso, deduzi que o Pomposo von Ricaço não estava a precisar de dinheiro. Na realidade, o bilhete de entrada para o evento desta noite era a riqueza geracional obscena.

O 303º Baile Real de Debutantes de Chapel Falls era um espetáculo canino consagrado que atraía todos os bilionários e megamilionários do estado. Os pais faziam desfilar as suas filhas, treinadas para a ocasião, ao longo da Ópera Astor, na esperança de que tivessem um desempenho suficientemente bom para serem cortejadas por homens pertencentes ao mesmo escalão de impostos.

Eu não tinha vindo para encontrar um marido. Antes do meu nascimento, o papá já me prometera a alguém, como era recordada pelo anel de diamantes que trazia no anelar. Isso sempre me pareceu um problema para o futuro — até ao momento em que descobri o anúncio oficial nas páginas da sociedade, dois dias antes.

— Ouvi dizer que o Romeu está decidido a tornar-se o diretor executivo da empresa do pai. — Meu Deus, a Sav ainda estava a falar dele. Estariam a planear escrever a página da *Wikipédia* do homem? — Mas ele já é bilionário.

— Não apenas bilionário. Um megabilionário. — A Emilie dedilhou o

diamante *marquise* na sua pulseira *Broderie*, o seu sinal de *bluff* no póquer. — E ele não é do tipo que gasta tudo em iates e sanitas de ouro, ou a financiar projetos pessoais para seu bel-prazer.

A Sav deu uma espreitadela desesperada através do seu espelho compacto.

— Achas que podemos ser apresentadas?

As sobranceiras da Emilie franziram-se.

— Ninguém aqui os conhece. Dal? Dallas? Ao menos estás a ouvir a conversa? Isto é importante.

A única situação grave a que assistia era à falta de bolachinhas de manteiga. Com relutância, fixei o olhar nos dois homens que separavam a multidão espessa de musselinas de seda e coques rígidos.

Ambos tinham pelo menos um metro e noventa. Uma altura imponente que os fazia parecer gigantes a tentarem abrir espaço numa casinha de bonecas. No entanto, nada neles era convencional. As suas semelhanças terminavam na altura. Em tudo o resto estavam em hemisférios opostos. Um era de seda e o outro de couro.

Se tivesse de adivinhar, o clone animado do Ken era von Bismarck. Com o cabelo louro-escuro e queixo quadrado, enfeitado com um bigode e barba por aparar, parecia algo que só um ilustrador da Walt Disney poderia desenhar. O perfeito príncipe europeu, desde os olhos escandalosamente azuis à constituição física romana.

Seda.

O outro homem era um selvagem requintado. O perigo decantado num fato *Kiton*. Usava o cabelo escuro num corte de cavalheiro, minuciosamente aparado.

Tudo nele parecia cuidadosamente personalizado. Concebido com a intenção de administrar doses letais diretamente na corrente sanguínea de uma mulher. Maças do rosto afiadas, sobranceiras grossas, pestanas pelas quais me arriscaria a ir para a cadeia e os olhos cinzentos mais frios que alguma vez vi. De facto, os seus olhos eram tão claros e gelados que decidi que não tinham nada a ver com as suas feições italianas bronzeadas.

Couro.

— Romeu Costa. — A voz da Savannah enrolou-se de desejo enquanto ele passava por nós, dirigindo-se para a mesa reservada aos VIP. — Eu deixava-o dar cabo de mim de forma tão intensa e definitiva como o Elon Musk fez com o Twitter.

— Oh, eu deixava-o fazer-me coisas hediondas. — A Emilie brincou com o diamante azul no pescoço. — Tipo, nem sei bem o que seriam, mas deixava-o fazer-mas à mesma, percebes?

Era um problema. Sermos raparigas sulistas virgens que frequentavam a

igreja e que citavam a Bíblia, em pleno século XXI. Chapel Falls era conhecida por duas coisas: 1) residentes podres de ricos, a maioria deles proprietários conglomerados de empresas georgianas de alto nível. E 2) ser extremamente conservadora, do género antiquado em que as filhas são trancadas em casa.

Por aqui, as coisas eram diferentes. Praticamente nenhuma de nós se aventurara a mais do que uns beijinhos antes do casamento, apesar de todas termos ultrapassado a idade de vinte e um anos.

Enquanto as minhas amigas com boas maneiras lhes atiravam olhares discretos, eu não tinha problema em olhar abertamente para eles. Enquanto um anfitrião nervoso os conduzia à sua mesa, eles examinavam o que os rodeava. Romeu Costa mostrava o distanciamento insatisfeito de um homem que teria de se banquetear ao jantar com o lixo de um beco qualquer; e von Bismarck mostrava uma alegria cínica e animada.

— O que estás a fazer, Dal? Eles conseguem ver que estás a olhar! — A Savannah quase desmaiou. Eles nem sequer estavam a olhar para nós.

— E então? — Bocejei, tirando uma taça de champanhe de uma bandeja que pairava na minha periferia.

Enquanto a Sav e a Emilie se divertiam mais um pouco, eu afastei-me, passando por mesas de banquete alinhadas com doces importados, champanhe e sacos de brindes. Fiz a ronda, cumprimentando colegas e familiares distantes, nem que fosse para aceder aos tabuleiros de *catering* no extremo oposto da sala. Também fiquei de olho na minha irmã, Franklin.

A Frankie andava por aí algures, provavelmente a atear um pequeno fogo ao capachinho de alguém ou a perder a fortuna da família num jogo de cartas.

Se eu era considerada a preguiçosa com falta de ambição e abundância de tempo livre, ela era a *banshee* honorária no lar dos Townsends.

Não imaginava o motivo que levava o papá a trazê-la para aqui. Ela mal tinha dezanove anos e estava ainda menos interessada em conhecer homens do que eu estava em mastigar agulhas não esterilizadas como sustento.

Desfilando com os meus *Louboutins* de edição limitada — tamanho 36, veludo preto e saltos finos como agulhas, feitos de pérolas incrustadas e cristais *Swarovski* —, ofereci sorrisos e soprei beijos a todos no meu caminho até chocar com outro corpo.

— Dal! — A Frankie abraçou-me como se não me tivesse visto há quarenta minutos, quando me jurou segredo depois de eu a apanhar a enfiar garrafinhas de *Clase Azul* no sutiã almofadado. Os rebordos de plástico das garrafas em miniatura cravaram-se nas minhas mamas quando nos abraçámos.

— Estás a divertir-te? — Ajudei-a a endireitar-se antes que ela desabasse como um cabrito. — Queres que te vá buscar água? *Advil*? Intervenção divina?

A Frankie cheirava a suor. E a colónia barata. *E a erva.*

Meu Deus, ajuda o papá.

— Estou ótima. — Ela fez um aceno de mão, olhando em volta. — Viste que está aqui um duque qualquer de Maryland?

— Acho que não existe monarquia nos E.U.A., mana. — Só porque o apelido von Bismarck soava a inventado, não significava que fosse da realeza.

— E o amigo super-rico dele? — Ela ignorou-me. — Ele é traficante de armas, por isso é divertido.

Só no universo dela é que um traficante de armas seria algo agradável.

— Sim, a Sav e a Emilie ficaram tão entusiasmadas que estão prontas para lutar com um puma. Conheceste-os?

— Não propriamente. — A Frankie franziu o nariz, ainda a examinar o salão de baile, provavelmente à procura de quem a deixara a cheirar como um bebé accidental na parte de trás do carro de um traficante de droga. — Acho que quem os convidou queria causar uma boa impressão, porque a mesa deles tem bolachinhas especialmente preparadas pelo padeiro favorito da falecida rainha. Vieram diretamente de Surrey. — Ela mostrou-me um sorriso malicioso. — Roubei uma quando ninguém estava a olhar.

O meu coração apertou-se. Eu amava tanto a minha irmã. Também queria matá-la naquele preciso instante.

— E não roubaste uma para mim? — Quase gritei. — Sabes que nunca provei uma autêntica bolachinha britânica. O que se passa contigo?

— Oh, ainda ficaram lá muitas. — A Frankie enfiou os dedos no seu penteado apertado, massajando o couro cabeludo. — E as pessoas fazem fila para falar com estes idiotas como se fossem os Windsor ou algo do género. Vai até lá, apresenta-te e tira uma casualmente. Há uma montanha delas.

— Bolachinhas ou pessoas?

— Ambas.

Estiquei o pescoço acima da sua cabeça. Ela tinha razão. Uma fila de convidados esperava para beijar os anéis dos dois homens. Como não estava para me rebaixar por algo saboroso, dirigi-me ao grupo de pessoas que rodeava a mesa de Costa e von Bismarck.

— ...plano fiscal desastroso que iria causar um caos económico...

— ...certamente, Sr. Costa, deve haver uma saída para toda esta despesa? Não podemos continuar a financiar estas guerras...

— ...é verdade que eles não têm armas tecnológicas? Tenho andado para perguntar...

Enquanto os homens de Chapel Falls tagarelavam como se quisessem pôr os outros dois em coma, e as mulheres se inclinavam para mostrar o seu

decote, eu esgueirei-me até à multidão, com os olhos postos na recompensa — um tabuleiro de três camadas cheio de bolachinhas de fazer água na boca. Primeiro, pousei casualmente a mão na mesa. *Nada para ver aqui*. Depois, aproximei-me mais das guloseimas britânicas — o centro de mesa.

Os meus dedos avançaram um pouco quando uma voz mordaz se virou na minha direção.

— E tu és...?

Veio do Couro. Ou, melhor, do Romeu Costa. Ele sentou-se na sua cadeira, olhando para mim com toda a simpatia de um crocodilo do Nilo. Facto curioso: eles consideram os humanos uma parte regular da sua dieta.

Dobrei os joelhos com um floreado.

— Oh, desculpe. Onde estão as minhas maneiras?

— Não no tabuleiro das bolachas, de certeza. — A voz era seca e desinteressada.

Está bem. Público difícil. Contudo, eu *tentei* roubar-lhe as bolachinhas.

— Chamo-me Dallas Townsend, da família Townsend. — Lancei-lhe um sorriso caloroso, oferecendo-lhe a minha mão para um beijo.

Ele olhou-a com repugnância, ignorando o gesto. Totalmente desproporcional ao meu alegado crime.

— És a Dallas Townsend? — Um trejeito de desilusão marcou o seu rosto divinal. Como se ele esperasse algo completamente diferente. O facto de esperar alguma coisa era um exagero. Não nos movíamos nos mesmos círculos. De facto, eu tinha noventa e nove por cento de certeza que este homem só se movia em quadrados. Era do tipo de homem aguçado.

— Há vinte e um anos.

Olhei para a bolacha de manteiga. Tão perto, mas tão longe.

— Os meus olhos estão aqui em cima — disse o Costa.

O von Bismarck riu-se e pegou na maior bolacha, possivelmente para me irritar.

— Ela é um amor, Rom. É uma bonequinha.

Um amor? Bonequinha? O que queria ele dizer? Com muita relutância, arrastei o meu olhar ao longo da mesa, da bolacha até ao rosto do Romeu. Ele era tão bonito. E também tinha olhos mortiços.

Ele inclinou-se para a frente.

— Tens a certeza de que és a Dallas Townsend?

Levei os dedos ao meu próprio queixo.

— Agora que estou a pensar nisso, gostava de mudar a minha resposta para Hailey Bieber.

— É suposto isso ter graça?

— É suposto isto ser sério?

— Estás a ser obtusa.

— Você é que começou.

Ouviram-se arquejos em todos os cantos da mesa. Romeu Costa, no entanto, parecia mais indiferente do que ofendido. Recostou-se, com os antebraços apoiados nos braços do assento. A postura — e o seu fato *Kiton* perfeito à medida — conferiam-lhe a aura de um rei austero com gosto pela guerra.

— Dallas Maryanne Townsend — apressou-se a intervir a Barbara Alwyn-Joy. A mãe de Emilie era uma espécie de dama de companhia do evento. Ela, tal como as outras, levava o trabalho demasiado a sério. — Devia pedir ao teu pai para te escoltar para fora deste salão de baile neste preciso momento, por teres falado assim com o Sr. Costa. Não é assim que nos comportamos em Chapel Falls.

A maneira de nos comportarmos em Chapel Falls faria com que todas as ruínas da cidade ardessem no pelourinho.

Baixei a cabeça e tracei a forma de um biscoito redondo no mármore com o dedo do pé.

— Desculpe, minha senhora.

Não estava arrependida. O Romeu Costa era um parvalhão. Teve sorte por termos audiência, ou teria de lidar com a minha versão sem filtros. Virei-me, prestes a sair do local antes que causasse ainda mais agitação e o papá cancelasse o meu cartão de crédito preto.

Porém, o Costa teve de voltar a falar:

— Menina Townsend?

Bieber, para si.

— Sim?

— Acho que se impõe aqui um pedido de desculpas.

Girando sobre os calcanhares, olhei para ele com toda a raiva que consegui reunir.

— Deve estar fora de si se acha que vou...

— Eu quis dizer que *eu* estou a dever um pedido de desculpas.

Ele levantou-se, abotoando o *blazer*.

Oh. Oh. Dezenas de olhos saltavam entre nós. Não tinha a certeza do que estava a acontecer, mas pensei que as minhas hipóteses de deitar as mãos àquela bolacha tinham aumentado dez vezes. Além disso, eu precisava mesmo de aproveitar o talento dele para ser controlado e confiante ao máximo, mesmo quando estava a pedir desculpa. Os pedidos de desculpa faziam-me sempre sentir impotente. Por outro lado, o Costa tratava um

pedido de desculpas como uma ferramenta para subir ainda mais na hierarquia dos humanos. Parecia, inclusive, uma espécie completamente diferente dos seus pares.

Cruzei os braços sobre o peito, ignorando tudo o que as aulas de etiqueta me haviam ensinado, como de costume.

— Sim. É algo que estaria disposta a ouvir.

Ele não abriu um sorriso. Nem sequer olhou para mim. Pelo contrário, foi como se o seu olhar me atravessasse.

— Peço desculpa por duvidar da tua identidade. Por falta de esclarecimento, pensei que fosses... diferente.

Normalmente, eu perguntaria quem lhe teria dito o quê, mas precisava de cortar o mal pela raiz e fugir dali antes que a minha boca me metesse em mais problemas. Havia uma razão para eu a manter a mastigar cerca de oitenta por cento do tempo. Além disso, não conseguia olhar diretamente para aquele homem sem sentir que as minhas pernas eram feitas de pudim instantâneo. Não gostava de como ele me deixava tonta. Ou como a minha pele corava onde quer que os olhos dele pousassem.

— Hum, claro. Não faz mal. Acontece aos melhores. Desfrutem da vossa noite. — Com aquilo, voltei para a minha mesa.

Felizmente, o papá passou o jantar de bom humor, a falar de negócios com os amigos. A Barbara não deve ter cumprido a ameaça de me denunciar, porque, pouco depois da quarta entrada, ele deu-me autorização para dançar.

E dancei. Primeiro, com o David, da igreja. Depois, com o James, do liceu. E, finalmente, com o Harold, da rua em frente. Fizeram-me rodopiar, baixaram-me a centímetros do chão de mármore e até me deixaram conduzir algumas valsas. Em suma, quase recuperei a confiança de que a noite era um sucesso. Até que o Harold baixou a cabeça quando a nossa canção terminou e eu comecei a dirigir-me para o meu lugar. Porque, quando me virei, o Romeu Costa estava lá outra vez. Como um demónio conjurado. A cerca de dois centímetros da minha cara.

Maria, mãe de Deus, porque é que o pecado tem de ser sempre tão tentador?

— Sr. Costa. — Pousei a mão sobre a minha clavícula nua. — Desculpe, estou um pouco tonta e exausta. Acho que não consigo...

— Eu conduzo. — Levantou-me, com os meus pés a pairarem acima do chão, e começou a dançar a valsa comigo sem a minha participação.

Olá, aviso vermelho do tamanho do Texas.

— Se pudesse fazer a gentileza de me pôr no chão — pedi, de lábios franzidos.

O seu aperto na minha cintura tornou-se mais forte, o contorno dos seus músculos envolveu-me.

— Por favor, larga essa fachada de senhora. Já vi atuações da Olivia Wilde mais convincentes.

Au. Lembro-me perfeitamente de querer furar os olhos depois de a ver em *O Efeito Lázaro*.

— Obrigada. — Descontraí os músculos, obrigando-o a aguentar todo o meu peso ou a deixar-me, frouxa, sobre o mármore. — Honestamente, é bastante cansativo ser um membro respeitável da sociedade.

— Vieste à minha mesa por causa das bolachas, não foi?

Talvez qualquer outra rapariga o negasse veementemente. Por acaso, gostei da ideia de ele descobrir que, para mim, não era a atração principal.

— Sim.

— Eram incríveis.

Espreitei para a mesa dele por cima do seu ombro.

— Ainda há algumas.

— Muito perspicaz, menina Townsend. — Ele fez-me rodopiar com a experiência assustadora de um dançarino de salão de competição. Não tinha a certeza se estava enjoada porque ele se movia muito depressa ou porque estava nos seus braços. — Presumo que também não estarias interessada em champanhe para acompanhar? Eu e o Oliver acabámos de comprar uma garrafa de *Cristal Brut Millénium Cuvée*.

A coisa custava treze mil dólares a garrafa. É *claro* que estava interessada. Tentei igualar o seu tom de voz.

— Na verdade, acho que uma taça seria a companhia perfeita para a bolachinha.

O seu rosto permanecia impassível e imóvel. Meu Deus, o que seria preciso para lhe arrancar um sorriso?

Apercebi-me vagamente das pessoas a olharem para nós. Ocorreu-me que o Sr. Costa não dançara com mais ninguém para além de mim. Isso deixou-me inquieta. A Savannah e a Emilie tinham dito que ele não estava ali à procura de uma pretendente, mas também me tinham dito, quando estávamos na pré-primária, que as vacas castanhas davam leite com chocolate. É evidente que eram uma fonte de informação pouco fiável.

Aclarei a garganta.

— Há uma coisa que deves saber. — Ele olhou para mim através dos seus olhos cinzentos ingleses, e a sua expressão dizia-me que não podia haver nada que eu soubesse e que ele não. — Estou noiva, por isso, se estiveres interessado em conhecer-me...

— Não tenho qualquer intenção de te conhecer. — Enquanto ele falava, reparei, pela primeira vez, na pequena bola de pastilha elástica esmagada entre os seus incisivos. Hortelã, pelo aroma.

— Graças a Deus. — Descontraí na valsa. — Não gosto de ter de rejeitar pessoas. É uma coisa que me irrita, sabes?

Não adorava a ideia de casar com Madison Licht, mas também não a odiava. Conheci-o toda a minha vida. Como filho único do colega de quarto do papá na faculdade, ele aparecia nos feriados e em jantares ocasionais. Tudo nele era adequado. Adequadamente atraente. Adequadamente rico. Adequadamente educado. No entanto, tolerava os meus trejeitos peculiares. Além disso, os seus oito anos extra conferiam-lhe o brilho de um homem experiente e mundano. Tínhamos tido dois encontros, durante os quais deixou claro que me permitiria viver a minha vida como eu quisesse. Uma raridade entre os casamentos arrançados de Chapel Falls.

O Romeu Costa olhava para mim como se eu fosse cocó a arder à sua porta e ele tivesse de me pisar.

— Quando é o casamento? — A sua voz era escárnio embrulhado em veludo.

— Não faço ideia. Se calhar, quando eu acabar o curso.

— O que estás a estudar?

— Literatura Inglesa, em Emory.

— Quando estará concluído?

— Quando parar de reprovar nos semestres?

Um sorriso amargo tocou-lhe os lábios, como se reconhecesse que aquilo deveria diverti-lo.

— O que achas do curso?

— Não sei.

— Do que é que *gostas*, para além de bolachas? — Ele parecia estar a entreter-me só para eu não me ir embora.

Não me ocorria nenhum motivo para isso. Não me pareceu que ele gostasse assim tanto da minha companhia. Ainda assim, refleti naquilo com sinceridade, uma vez que não tinha de me concentrar nos passos corretos da dança. Ele fazia o trabalho todo pelos dois.

— Livros. Chuva. Bibliotecas. Conduzir sozinha à noite com a minha lista de músicas favoritas a tocar. Viajar, principalmente pela gastronomia. Mas as coisas históricas também me parecem razoáveis.

Para Chapel Falls, eu era uma rapariga que passava os dias a transformar o dinheiro do papá em malas de luxo, a frequentar restaurantes opulentos e

a caçar todos os romances decentes do Cinturão Bíblico². Era um facto bem conhecido que eu não possuía aspirações dignas.

Mas os mexericos não tinham acertado em tudo. Eu tinha um desejo secreto. Um desejo clandestino que, infelizmente, exigia um homem para ser realizado. Acima de tudo, eu queria ser mãe.

Parecia tão simples. Tão realizável. E, no entanto, havia passos importantes necessários para tal objetivo, nenhum dos quais alcançáveis na sufocante Chapel Falls.

— És muito franca. — Ele não o disse como se fosse uma coisa boa.

— És muito curioso. — Deixei que me baixasse, mesmo quando isso nos aproximou. — Do que gostas? — perguntei, depois de uma pausa, porque era a coisa mais educada a fazer.

— De poucas coisas. — Ele girou-nos em círculos rápidos e passámos por uma Savannah de queixo caído. — Dinheiro. Poder. Guerra.

— Guerra? — Engasguei-me.

— Guerra — confirmou. — É um negócio lucrativo. E também estável. Há sempre uma guerra a decorrer no mundo ou países a prepararem-se para ela. É extraordinário.

— Para os políticos, talvez. Não para as pessoas que estão a sofrer. Ou para as crianças que molham as camas de medo. As vítimas, as famílias, os que sofrem...

— És sempre assim tão escrupulosa, ou guardaste este discurso de concurso de beleza especialmente para mim?

Depois de ter ficado sem palavras perante a sua imbecilidade, respondi:

— É tudo para ti. Espero que isso te faça sentir especial.

Ele estalou a pastilha elástica. Tão cavalheiresco. *Só que não.*

— Vem ter comigo ao roseiral daqui a dez minutos.

Toda a gente tinha conhecimento do que acontecia no roseiral.

Apertei os lábios. Será que ele não estivera presente nos últimos cinco minutos?

— Acabei de te dizer que estou noiva.

— Uma noiva ainda não é casada. — Voltou a inclinar-me para trás enquanto corrigia a sequência da frase. Exibicionismo. — Este é o teu último momento antes de dares o nó. O teu momento de fraqueza antes que seja demasiado tarde para experimentares algo novo.

— Mas... eu não gosto de ti.

² Região sudeste dos E.U.A. que compreende os estados do Norte da Flórida, a Virgínia, partes do Texas, Oklahoma e Missouri, onde a religião protestante evangélica tem forte influência na sociedade. (N. de T.)

— Não precisas de gostar de mim para permitires que te dê prazer.

Atirando a cabeça para trás, olhei para ele, as minhas pupilas a girarem descontroladamente nas órbitas.

— O que está a sugerir, exatamente?

— Um alívio deste acontecimento entorpecente. — Outro rodopio. Mais descontrolo. Ou talvez fosse tudo por causa da conversa. Ele manteve a voz baixa e uniforme. — Discrição total garantida. Dez minutos. Eu levo as bolachas e o champanhe. Só precisas de te levar a ti própria. Na verdade... — Ele fez uma pausa, dando-me uma olhadela. — Não me importaria se deixasses a tua personalidade na mesa. — Com isso, separou-se de mim no meio da dança, pousando-me no chão.

A minha cabeça ficou à roda enquanto eu observava as suas costas conforme ele se afastava. Não percebia o que tinha acabado de acontecer. Será que acabara de me oferecer uns amassos? Ele parecera-me horrorizado com a nossa conversa. Mas talvez se mostrasse assim por defeito.

Glacial, reservado e desinteressado.

Parte de mim achava que devia aceitar o que ele oferecera. Não ir até ao fim, claro. Estava a guardar a minha virgindade. Mas uns tropeções no escuro não fariam mal. Não é que o Madison estivesse em casa, a trabalhar no nosso álbum de recortes de casal.

Eu sabia que ele andava por toda a cidade de D.C., metido em breves casos com modelos e *socialites*. A minha amiga Hayleigh vivia em frente dele e falou-me das mulheres que entravam e saíam do seu apartamento.

Quer dizer, nem sequer estávamos juntos, *juntos*. Falávamos ao telefone uma vez por mês para nos «conhecermos melhor», a pedido dos nossos pais, mas era só isso.

Um homem como Romeu Costa era um acontecimento único na vida. Eu devia tirar partido disso. Dele. E, quem sabe, ele pudesse ensinar-me alguns truques. Algo para impressionar o Madison.

Além disso... bolachinhas.

Assim que o papá se virou para falar com o Sr. Goldberg, eu corri para a casa de banho. Agarrei-me à borda do lavatório de calcário dourado, pestanejando para o espelho.

São só uns beijinhos.

Já fizeste isto com muitos rapazes.

Ele era novidade, tão maduro, tão sofisticado, que eu nem me importei com o facto de ele ser completamente mau. Sejam realistas — até aos últimos vinte por cento do livro, o Sr. Darcy não arranca desmaios a ninguém.

— Não vai acontecer nada de mal — assegurei ao meu reflexo. — Nada.

Atrás de mim, alguém puxou um autoclismo. A Emilie saiu de uma cabina, franzindo o sobrolho enquanto se instalava ao meu lado para lavar as mãos.

— Fumaste a mesma coisa que o empregado deu à tua irmã? — As costas da sua mão ensaboada subiram até à minha testa. — Estás a falar sozinha.

Esquivei-me ao seu toque.

— Ei, Em, conhecestes o Romeu Costa?

Ela fez um biquinho com os lábios.

— Ele e o von Bismarck são as atrações principais. Sempre rodeados de uma multidão. Nem sequer consegui tirar uma fotografia ao tipo. Vi-te a dançar com ele. Que sorte. Eu matava por essa oportunidade.

Escapou-me uma gargalhada imprudente e sem fôlego.

— Onde vais? — gritou ela atrás de mim.

Fazer uma loucura.

CAPÍTULO DOIS



Dallas

Enquanto esperava, empoleirada no banco de pedra atrás das roseiras, nem por uma vez me ocorreu que aquilo pudesse ser um erro. A brisa quente do verão agarrava-se à noite fresca, um resíduo húmido que pesava sobre as rosas em plena floração. Romeu Costa estava três minutos e trinta e quatro segundos atrasado. No entanto, de alguma forma, eu sabia que ele viria. Mordi o lábio para conter o riso. A adrenalina corria-me nas veias.

Quando o pisotear das folhas atravessou o chilrear dos grilos e o zumbido dos carros distantes, endireitei as costas. As feições perfeitas do Romeu apareceram, iluminadas pela sombra azul da Lua. Ele era ainda mais bonito na escuridão absoluta. Como se estivesse no seu *habitat* natural, a jogar no seu campo. Fiel à sua palavra, segurava numa mão uma garrafa de champanhe aberta e, na outra, uma mão-cheia de bolachinhas escondidas num guardanapo.

— *Precioso!* — grunhi, com uma voz de Gollum, estendendo os dedos. Ele lançou-me o olhar aborrecido de um homem habituado a afastar as fãs, antes de se aperceber de que eu tinha estendido a mão para a bolacha e não para ele. Meti um pedaço inteiro na boca, inclinei a cabeça para trás e gemi.

— Tão bom. Quase dá para sentir o sabor de Londres.

— Surrey — corrigiu ele, olhando para mim como se eu fosse um javali selvagem com o qual ele tinha de lutar. — Gostas do sabor de ruínas antigas e de estrume?

— Desmancha-prazeres.

Por uma razão que me escapava, ele parecia realmente infeliz por passar algum tempo comigo, apesar de ter sido ele a sugerir o encontro.

— Vamos para um sítio discreto. — Era mais uma exigência do que uma sugestão.

— Ninguém nos vai encontrar aqui. — Fiz um aceno de mão. — Venho a este baile desde os dezasseis anos. Conheço todos os cantos e recantos deste sítio.

Abanou a cabeça.

— Alguns empregados de mesa vêm até aqui fumar.

O Romeu não devia querer ser visto comigo, tanto quanto eu não queria ser vista com ele. Diante da sua reputação de magnata-bilionário, eu era só uma rapariga provinciana e tola.

Suspirei, espalhando migalhas na calçada.

— Está bem. Mas se pensas que vou até ao fim contigo, estás muito enganado.

— Não me atrevera a presumir. — Ele pontuou o murmúrio sombrio virando-me as costas e partindo para o outro lado do pátio. Parecia que estava a fugir de mim, não a liderar o caminho. No entanto, eu segui-o enquanto mastigava a terceira bolacha. — O que te fez vir ao roseiral? Os petiscos ou a proposta?

— Um pouco dos dois. — Lambi os dedos. — E o facto de apostar que o Madison não me é fi... — Interrompi-me. Não devia falar mal do meu noivo, mesmo que ele me tivesse feito mal. Nós não estávamos oficialmente juntos. Nem sequer nos tínhamos beijado. Não é que eu estivesse com ciúmes. Estava-me nas tintas para as pessoas com quem ele andava antes de nos tornarmos verdadeiramente um casal. — A curiosidade matou o gato — emendei.

— O teu gato vai sobreviver. Embora me sinta tentado a deixá-lo tudo menos imaculado.

O meu gato? Será que se referia à minha...?

Oh. Meu. Deus. O meu corpo, que não tinha recebido o lembrete de que era suposto ambos não gostarmos de idiotas convencidos, começou a sentir um formigueiro em sítios que normalmente me esquecia que existiam.

— És terrível — informei-o, alegremente. — Vais ser o meu erro preferido.

Parou numa colina verdejante nas traseiras da casa da ópera. Pareceu-me um local bastante isolado, com um muro escuro à nossa direita. O Romeu passou-me a garrafa de champanhe.

— Bebe.

Encostando-a aos lábios, bebi um quinto do conteúdo.

— Não és um mestre da sedução, pois não?

Encostou-se à parede, com as mãos enfiadas nos bolsos da frente.

— Raramente preciso de praticar a arte da sedução.

O líquido efervescente escorreu-me pela garganta, frio e fresco. Tossi um pouco, passando-lhe a garrafa.

— Tão humilde.

Bebeu um gole generoso, com a pastilha elástica ainda na boca.

— És virgem?

— Sim.

Olhei em redor, perguntando-me, de repente, se valeria a pena. Ele era giro. Mas também era um bocado nojento.

— E tu?

— Quase.

A pergunta era uma piada, por isso demorei algum tempo a registar a sua resposta. Inclinando a cabeça para trás, ri-me.

— Quem diria? Debaixo do gelo, tens sentido de humor.

— Já pensaste até onde queres levar isto? — Ele passou-me a garrafa de volta, dois terços vazia.

— Posso dizer-te quando devemos parar?

— Pela minha breve história contigo, acho que não vai parar até teres perdido a virgindade, e ainda a virgindade de todas as outras raparigas bem-educadas da região. Vamos concordar em manter o teu hímen intacto.

Alguém estava a precisar de aperfeiçoar a conversa de engate.

— Parece-me bem. És de Nova Iorque?

— Não.

— Então de onde...

— Deixemos a conversa de lado.

Tudo. Bem. O homem não ia ficar no meu livro de recordações por ser o tipo mais simpático com quem curti, mas *era* o mais atraente num raio de mil e quinhentos quilómetros, por isso, deixei passar. O champanhe foi-se esvaziando até acabar. O meu corpo parecia um fio elétrico, a zumbir de antecipação. Finalmente — *finalmente* —, ele pousou a garrafa no chão, afastou-se da parede e prendeu-me o queixo entre o polegar e o indicador, levantando-me a cabeça. O meu coração deu um salto mortal, mergulhando para o fundo do meu estômago, onde se transformou em lama líquida.

Pela primeira vez, os seus olhos brilharam com uma aprovação calorosa.

— Já conheci agentes do fisco mais simpáticos do que tu. Mas vou dizer-te uma coisa. É bastante deliciosa, menina Townsend.

Fiquei boquiaberta.

— Como é que sabes...

Mas não cheguei a terminar a frase porque ele cuspiu a pastilha elástica para a relva e calou-me com um beijo ardente. A sua boca era quente e sabia a fogueira, a perfume caro e a hortelã. Sugou-me toda a lógica, deixando-me tonta. O seu corpo era forte, duro e estranho. Moldei-me a ele, enrolando-me à sua volta como um polvo.

Ele projetou a língua e separou-me os lábios. Quando os abri, a sua satisfação reverberou no meu estômago. Amparou-me pela nuca para aprofundar o beijo. A sua língua estava agora completamente dentro da minha boca, explorando o terreno como se estivesse a conquistar cada centímetro. A mordida da frescura da sua pastilha elástica preencheu-me. Ele tinha um sabor delicioso, aplicava a pressão certa. Sem mais nem menos, as suas palavras duras e o seu exterior de pedra derreteram-se em paixão, fogo e uma promessa depravada de coisas que eu não sabia se conseguiria suportar.

O recanto entre as minhas pernas latejava. Tentei lembrar-me se alguma vez tinha feito algo parecido com isto. A resposta deprimente era que *não*. Este era um território completamente novo. Águas desconhecidas nas quais queria mergulhar. Eu gemia contra a sua boca, puxando as lapelas do seu casaco, a minha língua perseguia a dele. Não me importava com o que pensava de mim. Nunca mais o voltaria a ver.

As minhas mãos percorreram as suas mangas, agarrando o material caro e os contornos musculados por baixo. Ele era atlético e robusto sem parecer volumoso. Meu Deus, era lindo. Frio, suave e imperial como o mármore. Como se alguém tivesse insuflado alma suficiente numa estátua romana para a fazer mover-se — mas não o suficiente para a fazer sentir.

Enquanto nos devorávamos um ao outro, perguntei-me se conseguiria sentir cada um dos cumes do seu abdómen. Dei uma palmadinha nos seus abdominais. Sim, conseguia. Esperem só até a Frankie saber disto. Ia vê-la chorar lágrimas de tesão.

O Romeu empurrou-me contra a parede, enrolando as minhas tranças escuras à volta do seu punho duas vezes, como faria com as rédeas de um cavalo. Puxou, inclinando a minha cabeça para cima e aprofundando o nosso beijo. A sua ereção enorme cravou-se na minha coxa, pulsando em calor e necessidade. Senti a emoção subir-me à espinha.

— Ora, ora. — Ele intensificou a pressão. Senti-o a abrir-se, as paredes à sua volta a estalarem um pouco. — Foste feita para ser corrompida, não foste, Bolachinha?

Ele tinha acabado de me chamar... Bolachinha?

— Mais. — Cravei os dedos no seu fato. Não sabia o que estava a pedir. Tudo o que sabia era que ele era melhor do que qualquer sobremesa. E que

dentro de alguns minutos estaria terminado. Não me podia dar ao luxo de me afastar durante demasiado tempo.

— Mais o quê? — A mão dele já tinha entrado na racha do meu vestido.

— Mais... não sei. Tu é que és o especialista.

Ele agarrou-me o rabo. O dedo indicador deslizou sob o elástico das minhas cuecas de algodão, afundando-se na minha nádega.

— Sim. Sim. Isso. — Interrompi o beijo, mordendo-lhe o queixo, sem conseguir evitar que a minha inexperiência manchasse o encontro. — Mas... da outra forma. À frente.

— De certeza que queres perder a virgindade com os dedos de um estranho que te deu uma bolacha?

— Então não faças força para o interior. — Afastei a cabeça, franzindo o sobrolho para ele. — Contorna simplesmente... tu sabes, a envolver.

Ele enfiou a mão entre as minhas pernas, cobrindo o meu centro aquecido com a palma da mão, e apertou com força.

— Eu devia mesmo foder-te aqui e agora por causa dessa boca espertalhona. — Era a primeira vez que aquele homem astuto do Médio Atlântico recorria a palavras e, por algum motivo, eu sabia que era raro fazê-lo.

Arqueando as costas, bati na sua mão, à procura de mais contacto.

— Huum. Sim.

Acariciou a minha entrada através das cuecas, desenhando com o dedo uma forma oval ao seu redor, sem lhe tocar. Talvez fosse porque o seu toque era calmo, fugaz, e concebido para me deixar louca, mas as minhas cuecas humedeceram. Doce tortura, era incrível.

— A tua boca mete-te sempre em sarilhos? — Ele acabou de me beijar e começou a enlouquecer-me, acariciando o meu sexo enquanto me olhava com evidente irritação. Homem estranho. Um homem muito estranho. Mas não o suficiente para que eu me afastasse do que quer que estivesse a acontecer entre nós.

— Sempre. A mamã diz-me que se eu corresse tanto com as pernas como com a boca, seria uma atleta olímpica... *Oooh*, assim é bom.

O seu dedo mergulhou na minha entrada, curvando-se sobre o meu clítoris, e depois retirou-se igualmente depressa. Para meu horror, ouvi a minha humidade quando ele me separou os lábios.

— Faz isso outra vez. — Acariciei-lhe o pescoço, inebriada pelo seu cheiro. — Mas até ao fim.

Ele gemeu, a seguir soltou um sussurro áspero que eu tinha quase a certeza de que eram as palavras «que confusão». Ei, ninguém estava a apontar-lhe uma arma à cabeça.

— Estás a divertir-te, ao menos? — Começava a pensar que ele se arrependia de tudo aquilo. Mesmo através da minha névoa de luxúria, eu podia dizer que ele parecia mais irritado do que excitado. Quer dizer, a sua pila do tamanho de uma perna dizia-me definitivamente que ele não estava a sofrer, mas parecia muito aborrecido por me achar atraente.

— Em êxtase. — A sua voz pingava sarcasmo.

— Podes chupar-me os mamilos se quiseres. Ouvi dizer que é *sexy*. — Estendi a mão para o meu peito dentro do espartilho e tentei puxar o tecido.

A mão dele disparou para a minha e ele segurou o meu seio, mantendo-o coberto.

— É muito generoso da tua parte, mas passo.

— São muito bonitas, juro. — Tentei puxar com mais força para lhe mostrar.

Ele apertou a minha mão com mais força.

— Gosto que o que é meu se mantenha assim. Escondido da vista. Para meu entretenimento privado.

Dele?

Fiquei sóbria.

— Teu?

Nesse momento, a parede a que nos tínhamos encostado desmoronou-se. A anfitriã do baile estava de pé num pódio, com um controlador de fogos de artifício na mão. Nós também estávamos em cima do pódio. *Oh, meu Deus*. Aquilo não era uma parede. Era uma cortina. E, à nossa frente, estava toda a lista de trezentos convidados do baile. Todos de queixo caído, olhos arregalados e com ares reprovadores como o raio.

Vi o papá imediatamente. Em nanossegundos, a sua pele cor de azeitona tornou-se casca de ovo, mas as suas orelhas estavam cada vez mais vermelhas. Por fim, começaram a chegar alguns pensamentos ao meu cérebro encharcado de luxúria. Primeiro, o papá ia definitivamente, a duzentos por cento, cancelar todos os meus cartões de crédito, desde o *Amex* até ao da biblioteca. E, por fim, percebi o que todos estavam a ver. Eu, nos braços de um homem que de certeza não era o meu noivo. A mão dele enfiada entre as minhas pernas por entre o meu vestido. O meu batom borrado. O meu cabelo uma confusão... e eu sabia que lhe tinha dado algumas mordidelas de amor visíveis.

— Meu. — Era a Frankie, ao fundo da multidão. — A mamã vai castigar-te até teres quarenta anos.

A multidão irrompeu numa conversa excitada. As lanternas dos telemóveis atacaram a minha cara enquanto eu tropeçava para trás, empurrando o Romeu Costa para longe. Mas ele não estava a gostar nada daquilo. O

psicopata fingiu proteger-me, empurrando-me para trás dele. O seu toque era descuidado e frio. Uma encenação. Que raio estava a acontecer ali?

— ...arruinada para todos os outros homens neste código postal...

— ...pobre Madison Licht. Um tipo tão bom...

— ...foi sempre problemática...

— ...um íman de escândalos...

— ...sentido de estilo horrível...

Okay, a última era uma mentira descarada.

— P-p-papá. Não é o que parece. — Tentei alisar o meu *Oscar de la Renta* e bati no pé do Romeu com o meu calcanhar pontiagudo, libertando-me por fim do seu aperto.

— Infelizmente, é exatamente o que parece — contrapôs ele, avançando pelo palco adentro e agarrando-me pelo cotovelo para que eu avançasse com ele. Mas que raio estava ele a fazer? — O segredo foi revelado, meu amor. — *O amor dele? Eu?* Ele fez questão de limpar a mão que estava entre as minhas pernas há segundos no meu vestido de marca. — Por favor, não chamem mulher arruinada à minha Dallas. Ela apenas cedeu à tentação. Como disse Oscar Wilde, é intrinsecamente humano.

Os olhos dele continuavam duros. Mortiços, a fitar os do papá.

Intrinsecamente? Porque é que ele estava a falar como um figurante do *Downton Abbey*? E porque é que ele disse que eu estava arruinada?

— Eu devia cometer homicídio. — O meu pai, o grande Shepherd Townsend, passou por entre os corpos para chegar ao palco. — Correção: eu *vou* cometer homicídio.

Um pânico branco e frio percorreu-me. Não tinha a certeza se ele estava a falar comigo, com o Romeu, ou com ambos.

As pontas dos meus dedos estavam tão geladas que nem as conseguia sentir. Tremia como uma folha ao vento de outono.

Desta vez, tinha conseguido mesmo. Já não se tratava de reprovar a cadeiras aleatórias, de ser mal-educada com alguém em cuja opinião os meus pais confiavam, ou de comer, não totalmente por acidente, o bolo de aniversário da Frankie. Eu arruinara a boa reputação da minha família. Reduzira o nome dos Townsend a escombros, mexericos e condenações.

— Shep, não é? — O Romeu tirou do bolso a mão que não estava à minha volta e consultou o *Patek Philippe* no seu pulso.

— Para si, é Sr. Townsed — disse o pai, entretanto no palco connosco. — O que tem a dizer em sua defesa?

— Vejo que chegámos à parte da noite em que podemos negociar. — O Costa deu-me uma olhadela, como se estivesse a tentar decidir quanto queria

licitar por mim. — Eu sei que Chapel Falls tem uma política de «se partir, paga» quando se trata das vossas filhas debutantes solteiras. — As palavras dele bateram contra a minha pele, deixando marcas vermelhas de raiva onde quer que tocassem. Agora que ninguém nos podia ouvir, ele já não fingia que éramos um casal e falava com o papá como um homem de negócios. — Estou disposto a comprar o que parti.

Porque é que ele estava a falar como se eu fosse um vaso? E o que estava a propor, exatamente?

— Eu não estou partida. — Empurrei-o, já meio enfurecida. Em resposta, apenas senti o seu aperto mais tenso. — E não sou um produto à venda.

— Cala-te, Dallas. — A respiração do papá saía-lhe pesada e arrastada. Havia suor como eu nunca tinha visto a correr-lhe pelas têmporas. Ele posicionou-se entre nós como se não pudesse confiar que um de nós não se lançasse numa nova demonstração de afeto em público. E, finalmente, Romeu soltou-me. — Não sei bem o que está a propor, Sr. Costa, mas isto não passou de uns beijos numa noite de bebedeira...

O Romeu levantou a mão para o interromper.

— Eu sei como é o sexo da sua filha, senhor. O sabor e tudo. — Lambeu a ponta do polegar sem nunca quebrar o contacto visual com o pai. — Pode tentar livrar-se disto com conversa até ficar azul. O mundo vai comprar a minha versão. Nós os dois sabemos disso. A sua filha é minha. Tudo o que lhe resta agora é negociar um acordo decente.

— O que se passa ali? — A Barbara estava no meio da multidão. — Há algum pedido de casamento?

— É bom que haja um pedido — atirou outra pessoa.

— Eu nem sequer sabia que eles se conheciam — choramingou a Emilie. — Ela só falava da sobremesa.

A vergonha pintou as minhas faces de cor-de-rosa. A única coisa que me mantinha de pé era o conhecimento profundo de que nunca deixaria aquele homem horrível vencer. A minha raiva era tão pungente, tão tangível, que senti o sabor do seu azedume na minha boca. Revestia todos os cantos, escorria para o meu organismo como um veneno negro.

O papá baixou a voz, nivelando-a à do Romeu com todo o ódio que o atravessava.

— Prometi a minha filha ao Madison Licht.

— O Licht não lhe vai tocar nem com uma vara de seis metros.

— Ele vai entender.

— Vai? — O Romeu arqueou uma sobrancelha. — Pondo de lado o facto de a sua noiva ter sido apanhada com os meus dedos enfiados no vestido à

frente de toda a sua cidade natal, tenho a certeza de que sabe que somos rivais nos negócios.

Senhoras e senhores, apresento-vos o homem que, aparentemente, quer casar comigo.

É seguro assumir que Edgar Allan Poe não estava a revolver-se no túmulo, preocupado com a possibilidade de ser derrubado do pedestal de Grande Poeta.

— Ei, pronto. Esta é a minha filha, e eu...

— Deu-a a um idiota abastado, que tenho a certeza que a vai tratar como uma peça de mobiliário barroco. — Não havia alegria na voz do Romeu. Nem vitória, também. Ele dava a notícia como um deus grego amuado a decidir o destino de um mero mortal. — Não há diferença entre o que lhe ofereço e o que Madison Licht traz para a mesa, para além do facto de eu estar prestes a valer vinte mil milhões de dólares e a empresa dele ainda nem sequer ser pública.

Todo o peso do mundo desabou sobre mim quando compreendi duas coisas: 1) O Romeu Costa sabia exatamente quem eu era quando chegou. Ele procurou-me. Atraíu-me. Certificou-se de que captava a minha atenção. Fui sempre o seu objetivo. Afinal de contas, ele próprio o disse — Madison Licht era seu inimigo, e ele queria prejudicá-lo. 2) O Romeu Costa era um sacana tão grande que era capaz de casar comigo, apesar de ter tornado miseráveis todas as pessoas envolvidas nesta união, só para irritar o meu noivo. *Ex-noivo, quase de certeza.*

Avancei com fúria, com as palmas das mãos a baterem-lhe no peito.

— Eu não me quero casar contigo.

— O sentimento é mútuo. — Ele aproximou-se do meu toque ardente, pegou na minha mão esquerda e tirou o anel de noivado de Madison do meu dedo. — Infelizmente, uma tradição é uma tradição. Eu toquei, eu parti. Cumprimenta o teu novo noivo. — O Romeu examinou o anel apertado entre os seus dedos, sem se impressionar. — Esta coisa mal custa dezasseis mil dólares. — Atirou-o para a multidão, e algumas raparigas menos honradas tentaram apanhá-lo.

O ar esvaziou-se dos meus pulmões. O Romeu examinou o meu pai com um ar inexpressivo perfeito, confiante de que, apesar da minha imprudência, não me atreveria a desafiar a ordem do patriarca se ele decidisse que devíamos casar.

Não. Não, não, não, não, não.

— Papá, por favor. — Corri para ele, entrelaçando o meu braço no dele. Ele afastou-se do meu toque, ficando a olhar para os seus mocassins, lutando

para regular a respiração. Senti as bochechas cheias de rejeição, como se ele me tivesse batido. O meu pai nunca tinha sido tão cruel para mim. Apetecia-me chorar. *Nunca* chorara.

O mal tinha um rosto. Era de uma beleza estonteante... e pertencia ao homem que acabara de se tornar o meu futuro marido.

— Porque não discutimos isto longe de olhares indiscretos? — O papá olhou em volta, exausto e cheio de pesar. Era provável que eu também lhe tivesse manchado o fato, tal como tinha manchado o meu futuro. — Sr. Costa, dirija-se a minha casa imediatamente.

Romeu Costa passou o braço pelo meu ombro ao passar, sem me dirigir um ínfimo olhar.

— Tramada por uma bolachinha. — Meteu um cubo de pastilha elástica na boca enquanto a sua figura imponente descia o palco. — Como caem os poderosos.

CAPÍTULO TRÊS



Ollie vB: @RomeuCosta, como é que te sentes no centro do escândalo? Bem-vindo ao clube, filho. Temos aperitivos. E a família Kennedy.

Romeu Costa: www.dmvpost.org/Von-Bismarck-Herdeiro-Apanhado-aos-Amassos-com-a-mulher-do-governador-da-Geórgia

Ollie vB: Chama-me papá, e talvez eu te transmita as minhas capacidades.

Zach Sun: Destruir casas não é uma capacidade.

Ollie vB: Diz isso ao Rom. Ele acabou de destruir um compromisso, uma reputação e um futuro no espaço de dez minutos. O aluno ultrapassou o mestre.

Ollie vB: [GIF de Shia LaBeouf a aplaudir de pé]

Zach Sun: Onde está o Rom agora?

Ollie vB: Na casa dela, provavelmente a pegar fogo às suas recordações de infância e a afogar-lhe os animais de estimação.

Zach Sun: Se eu tivesse coração, acho que neste momento estaria a partir-se por ela.

Ollie vB: A julgar pela luta que ela lhe deu, se alguma coisa vai partir-se aqui, vai ser o espírito do teu rapaz até ao fim do mês.

CAPÍTULO QUATRO



Romeu

Um milhão de Dallas Townsend valsavam no meu cérebro, com os seus saltos pontiagudos a espetarem-se em cada dobra. Abri os olhos. O quarto oscilava para trás como se estivesse localizado num navio em pleno naufrágio.

— Não devias ter acabado o *Pappy Van Winkle* sozinho, amigo. — A voz animada do Oliver ecoou das profundezas de uma casa de banho. — Os amigos partilham.

Zach estalou a língua à distância.

— Pela última vez, von Bismarck, a modelo da *Agent Provocateur* não estava interessada num *ménage à trois*.

Sibilei para uma almofada de seda do Hotel Grand La Perouse, lamentando todas as decisões que tinha tomado e que me haviam arrastado para este inferno. Impulsionados por uma descoberta de última hora, os três tínhamos chegado a Chapel Falls meia hora antes do baile.

Atualmente, ocupávamos a *suite* presidencial com quatro quartos. Não tanto porque gostássemos da companhia uns dos outros, mas porque sabíamos que algum idiota a tinha reservado antes do baile. Divertirmo-nos com a miséria dos outros era um dos simples prazeres da vida. Um prazer que eu experimentava muitas vezes.

O Oliver entrou no quarto, com a boca a envolver um charuto por acender.

— Precisavas de adormecer a dor. Apagar a memória de meter os dedos numa rapariga pré-púbere em frente aos melhores da *Fortune 500*. — Ele vestiu um polo. — A conta foi de quarenta mil só em álcool e charutos, já

agora. Devíamos entrar neste negócio da organização de bailes de debutantes. O mundo nunca teria falta de jovens privilegiadas a precisar de maridos bilionários.

A ideia de voltar a perder o meu tempo assim revoltava-me.

— Transformava este sítio numa casa de jogo e fazia alguns bastardos antes da primeira valsa.

Ele deitou-se na beira da minha cama, calçando as botas de montar.

— Sim, ao jogo. Não a isso dos bastardos. Eu uso sempre proteção. Sem luva, não há amor. — Tendo em conta que ele via as mulheres como um tapete rolante de buracos quentes onde podia permanecer durante a noite, duvidava que o Oliver estivesse familiarizado com a noção de amor. Fez uma pausa, com os lábios a curvarem-se à volta do charuto. — Nem toda a gente é suficientemente escrupulosa para praticar o teu método de garantir que não há filhos ilegítimos na fila para o trono.

Zachary Sun — alto, ágil, detestavelmente genial e tão disponível a nível emocional como um animal de estimação de pedra — entrou no meu quarto com o portátil enfiado debaixo do biceps.

— Qual é o método do Rom?

Ele tinha optado por ficar no hotel na noite anterior. A sua presença no baile teria sido redundante. Só a ideia de o filho casar com uma rapariga do Sul faria a Sra. Sun entrar em colapso cardíaco. Nenhuma mulher comum iria adequar-se à sua linhagem de dinheiro antigo, que remontava à dinastia Zhou.

— Há um buraco que ele nunca fode, e é aquele de onde vêm os bebés. — Oliver deu a informação com uma alegria desnecessária.

Zach franziu o sobrolho, provavelmente a passar em revista o meu passado.

— Nunca ou nos últimos tempos?

Partilhávamos a mesma visão do mundo — que o oxigénio fornecido pelas florestas em declínio da Terra era um privilégio desperdiçado pelos humanos. Contra o meu bom senso, abri uma exceção nos meus trinta e um anos de vida. O que acabei por lamentar. E de uma forma espetacular.

— Ele está abstinente há tempo suficiente para ser considerado um virgem renascido. — O Oliver encolheu os ombros e vestiu um *blazer* equestre. — Para não dizer que é um fracasso.

Se as palavras eram para me ofender, falharam o alvo por cerca de três mil quilómetros. Eu não tinha interesse nas mulheres.

Nem nas pessoas em geral.

O Zach observou-me com igual espanto e confusão.

— Como é que eu nunca soube isso sobre ti?

— Não deveres ter visto o meu anúncio durante três meses na primeira página do *New York Times*. — Esvaziei uma garrafa de água de um trago, pondo uma pastilha elástica de menta na ponta da língua. — Que horas são?

— Ainda bem que perguntaste. — O Oliver acendeu o charuto e inalou-o com força. Uma nuvem de fumo saiu da ponta âmbar. — Já é altura de te lembrar o que aconteceu ontem à noite. O incidente que precedeu aquilo de teres mandado abaixo uma garrafa inteira de conhaque na esperança de morreres de envenenamento por álcool depois de regressares das instalações dos Townsend.

Deitei a garrafa ao lixo.

— Goza o teu momento de glória. Diz-me como foi mau, visto de fora.

— Não me pareceu mau. — O Zach pousou o portátil na mesa em frente da minha cama. — Bizarro? Sim. Escandaloso? Como pretendido. Mas até parecias um bom rapaz a tentar conquistar uma rapariga. Pelo menos, nos vídeos espalhados pelo TikTok e pelo YouTube, muitos deles virais. Chamam-lhe o pedido de casamento do século.

O Oliver assobiou.

— Tens o teu próprio *hashtag*.

Nunca tinha dado azo a nenhum escândalo em toda a minha vida, e certamente não gostava de fazer parte de um agora. No entanto, os fins justificavam os meios.

Estava feito.

Roubara a noiva ao Madison Licht e tornara-a minha.

O imbecil acabava sempre com uma caçadora de fortunas menor de idade, que pensava que conseguia segurá-lo por mais de uma noite. Imaginem a minha surpresa quando, há dois dias, o Oliver o ouviu a falar poeticamente do corpo delicioso da noiva, do rosto perfeito e do cabelo voluptuoso.

Por uma vez na sua miserável vida, parecera que não estava a mentir.

Esfreguei o queixo.

— Ela era pelo menos tão bonita como me lembro?

— Uma joia. A cereja no topo do bolo. — O Oliver levou os dedos aos lábios. — Além disso, deve ter acabado de sair da puberdade. É legal, Rom?

— É legal. — Sentia um vale dentado no meu queixo a afundar-se sob as pontas dos meus dedos. A vilãzinha maníaca tinha-me mordido e deixado uma marca. — Há pelo menos dois anos que frequenta a universidade.

Três ou mais, se não tivesse exagerado no facto de ter reprovado alguns semestres. Não entendia como alguém podia reprovar a Literatura Inglesa, mas este fantasma arrancado ao inferno haveria de tratar do assunto.

— Zach, quando te digo que a mulher estava lívida... — O Oliver abanou

a cabeça. O fumo saía-lhe pelas narinas como um dragão demoníaco. — Ela quase o esfaqueou até à morte. Acho que a única coisa que a impediu foi a possibilidade de envergonhar ainda mais a família.

Por sorte, a Dallas Townsend tinha um limite. Com base na nossa breve apresentação, esse era o único. Seria difícil conjurar uma mulher tão exuberante como ela.

Mantinha-se constantemente na sexta velocidade, passando do roubo de comida para as respostas tortas como se fosse uma concorrente da Maratona de Boston. O seu rosto era suficiente para eu sentir vontade de engolir quatro *Tylenols* com conhaque.

Se eu conhecesse a personalidade dela antes de a adquirir na qualidade de investimento mais recente, teria preferido ouvir aquele bruto pastoso falar dela para o resto da sua vida patética em vez de ser eu a casar com ela.

O Oliver deu uma palmada no joelho, a rir.

— Ela deu-lhe uma bela luta.

— Tenho a certeza que ele vai retaliar da mesma forma quando derem o nó. — O Zach teclava no seu portátil, apenas meio interessado na conversa. — O que aconteceu depois de chegarem a casa dela?

Encostei-me à cabeceira da cama, massajando o pé onde a minha futura mulher tinha aberto um buraco com o calcanhar.

— O pai dela mandou-a para o quarto. Depois, fechámos um acordo agradável. Vou doar uma enxurrada de dinheiro para as suas organizações sem fins lucrativos durante os próximos cinco anos e apresentá-lo a algumas pessoas com quem ele está interessado em falar de negócios.

E para quê?

Podia contar pelos dedos de uma mão o número de vezes que iria ver a Dallas Townsend depois da cerimónia de casamento — e ainda iriam sobrar alguns dedos.

— Bem. — O Oliver puxou as luvas de couro castanho pelos dedos, atirando a ponta do charuto pela janela. — Por muito que goste de narrar a noite em que o Romeu arruinou a sua vida, tenho cavalos para ver e mulheres para corromper.

O Zach levantou uma sobrancelha escura.

— Qualquer mulher que seja suficientemente burra para acabar debaixo de ti já está completamente corrompida.

O Oliver suspirou.

— É verdade.

O Zach torceu o nariz.

— Não estás aborrecido?

Enquanto o Oliver amava todas as mulheres, o Zach não conseguia encontrar uma única que estivesse à altura dos seus ideais pouco razoáveis. Na verdade, a Sra. Sun marcava encontros semanais com as herdeiras habituais de empresas de transporte, de extração de cobre e de *software*.

O seu passatempo preferido era rejeitá-las por motivos absurdos, como serem demasiado bonitas, demasiado inteligentes, demasiado ricas, demasiado caridosas e, o meu motivo favorito, serem demasiado parecidas com ele.

— Deixo de andar atrás de mulheres quando morrer. — O Oliver levantou-se, metendo a carteira e o telemóvel numa elegante mala à tiracolo em pele. Franziu o sobrolho. — Aliás, mesmo assim, os vermes não estão a salvo da minha libido. Agora, se me dão licença, vou aproveitar ao máximo este buraco de merda antes de partirmos, e a melhor maneira que me ocorre para passar o meu tempo é longe de vocês.

Com o Oliver a ir fazer do mundo um sítio pior, eu e o Zach olhámos um para o outro. Em teoria, tínhamos muito em comum.

Éramos movidos por uma única entidade.

Dinheiro.

O Zach tinha dois sucessos multibilionários no seu currículo de aplicações desenvolvidas por ele. Entretanto, eu reinava sobre a empresa do meu pai como diretor financeiro, envolvendo-me em fundos de retorno absoluto e investimentos de alto risco por diversão. Desde que me formei no MIT, tripliquei as receitas da Costa Industries.

Éramos reservados, calculistas, pragmáticos e indiferentes às expectativas da sociedade. Os nossos pais pressionavam-nos para casar. E faziam de tudo para nos levar ao altar com a futura mãe dos seus netos.

Mas as nossas semelhanças terminavam aí.

Ao contrário do Zach, eu não tinha um único nervo em todo o meu corpo. Para não falar da integridade, um conceito que eu achava tão mítico como as sereias. Eu fazia coisas atroz e conseguia dormir como um bebé à noite.

O Zach, por outro lado, era genuinamente decente. Isso não tinha grande importância, uma vez que ele achava que noventa e nove por cento da população era difícil de suportar devido à falta de inteligência.

— Então? — O Zach não tirou os olhos do ecrã. — Achas que vais ter um ataque de consciência e deixar a pobre rapariga em paz?

Pousei os pés no chão e apoiei os cotovelos nos joelhos, pressionando as palmas das mãos nos olhos.

— Não.

— Porque não?

Havia um milhão de razões, mas só uma importava.

— Porque ela era do Madison, e ele não merece nada de bom na vida.
— Então, ela é boa.
— Eu disse bom? Queria dizer insuportável.
— Grande elogio.
— Insuportável é um elogio, no que lhe diz respeito. A mulher podia levar um monge a cometer um homicídio.

— Interessante. — Ele não achava aquilo interessante. Não achava remotamente estimulante nada que não fosse dinheiro, tecnologia e arte. — Não te ouvia falar tão apaixonadamente de uma mulher, fosse como fosse, desde a Mo...

— Não digas o nome dela. De qualquer forma, eu e a Dublin só seremos casados no papel.

Estaria eu a dizer aquilo ao Zach ou a mim próprio?

— Dublin, não é? — Ele desviou a atenção do ecrã apenas para me atirar um olhar de pena. — Não subestimes o poder do papel. O dinheiro é feito dessa merda.

— Vinte e cinco por cento linho. Setenta e cinco por cento algodão — corrigi.

Não que ele não soubesse.

— Cheques, então. O que é que sabes sobre ela?

Não muito.

Desde o dia anterior, a minha curiosidade não se tinha intensificado, para dizer o mínimo. Seduzi-la fora mais fácil do que tirar um doce a um bebé. Por ironia, tirar-lhe um doce era algo que não me parecesse possível sem arriscar o braço.

— Ela é linda, desequilibrada e preferia comer os próprios olhos a casar comigo.

O Zach acenou-me com a sua água eletrolítica.

— Vou buscar as pipocas.

— Não sejas tão presunçoso. Tu és o próximo da fila.

— Mas a fila é grande. — Ele clicou no rato, já a desviar-se da conversa para o trabalho. — E eu sou muito bom a empatar.